



Brasil registra mais de 28 mil homicídios no primeiro semestre e Wilder pede providências

Importação de leite é tema que preocupa o Senador Wilder Moraes



CERRADO

Goiânia, SEGUNDA-FEIRA, 21 de agosto de 2017 [f](#) [i](#) [t](#) /wildermorais



Banda LOBINHO

30 ANOS DO PUNK GOIANO

CULTURA / MÚSICA

Mais vivos do que nunca!

MOVIMENTO PUNK goiano completa 30 anos em setembro mais vigoroso do que nunca. Grupos gravam, se apresentam em espaços públicos e protestam contra as consequências da política



Banda EXAME DE FEZES

WELLITON CARLOS

Logo após o acidente do Césio 137, o rock goiano pegou um novo direcionamento: mais energético, mais nervoso e mais simples. Na década de 1980, o rock produzido no estado se solidificava em três vertentes elitizadas: a mais pesada, com o heavy metal nos corações e mentes dos jovens da classe média; o rock pós-punk, influência do nascente rock Brasil e das bandas inglesas, caso do The Cure, The Smiths e Joy Division; e o rock pop, que se direcionava para mesclar MPB com o rock dos anos 70.

Da década de 1970, avançaram para a próxima década experiências que deram certo como Língua Solta e o roqueiro solo Markan Camaralina. Mas

a década em que Goiânia tornou-se manchete no mundo por conta do desrespeito ambiental pregava uma nova postura – uma atitude punk!

Mais afastados, embebedos na vivência na periferia, descontextualizados do tempo, os punks começaram um movimento de rebeldia na capital do Cerrado. É neste contexto que surgiu a HC 137, tocada por Cláudio Antônio de Castro.

O grupo é seminal na leitura de um estilo que se apropriava dos dejetos sociais, como corrupção, violência, politicagens, preconceitos e devolvia em forma de protesto e som distorcido.

Os roqueiros do heavy metal, em sua maioria, usavam a distorção da marca Boss. Por sua vez,

os punks adotavam a tecnologia nacional da Oliver, uma cópia eletrônica da marca de sucesso. Isso quando não usavam uma 'caixa de abelha' caseira para fazer a distorção cada vez mais suja e agressiva.

A HC 137 liderada por Cláudio teve um baque, quando o vocalista morreu em um acidente na década de 1990. Ele deixou um DNA punk na linguagem do rock produzido em Goiás e criou o primeiro selo do Estado – a Subway. Da formação original, o guitarrista Maurício Motta montou a bem sucedida (e de curta duração) Morte Lenta e posteriormente a festejada Hang the Superstar (uma lenda do rock goiano, mas não necessariamente da vertente punk).

Logo após a estreia, a HC

seguiu viagem no mundo punk e inspirou novas experiências, como o surgimento do EXDF (Exame de Fezes), banda liderada pelo indefectível jornalista Ulisses Aesse. Na época, 1987, outras bandas apareceram para fazer barulho no cenário: Renegados, Tia Tonha (sem jamais ter feito um show), Lobinho e os Três Porcão, dentre outras.

Trinta anos depois, o cenário punk é mais longo do que nunca. A EXDF permanece na ativa, com shows viscerais que misturam grindcore com hard core. O Lobinho, por sua vez, uma experiência de João Punk, se destaca no cenário como uma banda clássica de punk rock. E os Senhores realizam um punk rock de alto nível, com técnica e postura de grande vitalidade.

Da nova geração, mas com integrantes veteranos, a grande sensação do movimento é a Bruxa do 71, uma animada e nervosa homenagem ao clássico personagem do Programa do Chaves. Tocada por músicos como Alexandre Damond e Ireno, ela resgata a musicalidade sem frescuras e firulas. É a música que grita da periferia: "Eu sou suburbano feijão com arroz, sou de Goiânia do Guanabara Dois", na música "Vida de punk".

Os bairros, aliás, são a referência de que os grupos apresentam de fato a pegada mais agressiva do rock. O HC 137 e o EXDF circularam, por exemplo, no mesmo contexto: periferia de Campinas.

A HC 137 chegou a ensaiar no Jardim Xavier. E a EXDF é digna representante da Vila Isaura, bairro conhecido na época por "Sapolândia", devido os brejos e as más condições. Migraram para a região principalmente quem resi-

dia na Vila Operária na década de 1980 e não tinha condições de comprar um imóvel em local mais apropriado. A expansão urbana tornou o bairro propício para a habitação. E o contexto de vida influenciou muitos jovens a desenvolverem reflexões punks como "Do it Yourself", ou não espere nada do governo ou algo ainda mais radical: "já que vivemos na anarquia, vamos pregar a anarquia para todos".

"Era uma época de muita energia. Inúmeras bandas tocando. O HC 137 dominava aquela época. Ouvíamos coisas como Adam and The Ants. Em Goiás, o pós-punk começou antes do punk. Nós voltamos atrás um passo. E quem deu esse primeiro passo foi o HC 137", diz Marcelo 'Sacolão', um dos pioneiros daqueles tempos.

SONHO

O autor deste texto encontrou naquela época um cenário propício para a explosão de rebeldia. E um líder nato: Cláudio Antônio. No início, ele vendia discos e fitas na Feira Hippie, que ainda era realizada na avenida Goiás. Depois, foi convidado a tocar na banda, já que o grupo vivia uma crise com a entrada e saída de vários integrantes. Apesar de não entrar para a banda, passei a apoiá-la. E ao mesmo tempo me influenciar na criação de bandas como Tia Tinha e EXDF.

O punk rock permanece vivo e cada vez mais agressivo. Os shows ocorrem em espaços públicos, na frente de fábricas, na garagem das casas de periferia, no Martim Cererê, nos festivais, nas sedes de motoclubes e em vários pontos de manifestação.

SEGURANÇA PÚBLICA

País tem mais de 28 mil homicídios entre janeiro e junho e Wilder cobra providências



JOÃO CARVALHO

Ano após ano o Brasil registra impressionantes e preocupantes números e estatísticas sobre homicídios, especialmente praticados contra jovens e negros nas periferias das grandes cidades. E 2017 não foge à regra. Segundo informações repassadas pelas secretarias de segurança pública dos Estados, de janeiro a junho foi ultrapassada a marca dos 28 mil assassinatos cometidos neste ano.

O número é 6,79% maior do que no mesmo período do ano passado e indica que o País pode retornar à casa dos 60 mil casos anuais. De posse desses números, o senador Wilder Morais

(PP) avalia e lamenta que o País viva uma guerra interna, com tantas mortes e perdas.

“São números que impressionam e causam extremo desconforto e indignação a todos. Alguma coisa está completamente errada. E precisamos fazer algo o mais rápido possível para minimizar esse quadro”, defendeu Wilder.

Os mais de 28 mil assassinatos no Brasil foram cometidos de forma dolosa, por lesões corporais seguidas de morte e latrocínios (roubos seguidos de morte). Esse número nos indica que são 155 assassinatos por dia, cerca de seis por hora nos Estados brasileiros, onde as características das mortes

se repetem: ligada ao tráfico de drogas e tendo como vítimas jovens negros pobres da periferia executados com armas de fogo.

Wilder Morais lembra que essa imensa quantidade de pessoas assassinadas no Brasil supera as mortes na Síria, país do Oriente Médio que vive uma guerra interna com um grupo islâmico radical. “Aqui não temos nada disso. As mortes são protagonizadas muitas vezes pelo crime organizado, mas ocorrem milhares de casos por outros motivos que bem poderiam ser evitados”, informa o senador.

O aumento dos homicídios no Brasil acontece em um ano marcado pelos massacres em presí-

dios, pelo acirramento de uma briga de duas facções do crime organizado (Primeiro Comando da Capital e Comando Vermelho), dificuldades de investimento dos Estados na área e um plano federal de apoio que avança menos que o prometido.

O senador Wilder reconhece que conter essa onda de crimes no Brasil não é tarefa fácil. Avalia que é preciso levar em conta a necessidade de novos investimentos na área da segurança, aumento do efetivo policial e políticas públicas que sejam capazes de atrair jovens às escolas e de permitir que eles tenham empregos.

“Como a gente percebe e já sabe, a crise

econômica acaba por também ajudar nesse aumento do número de crimes de homicídio no País. O que reforça a minha tese de que precisamos sair dessa crise o quanto antes para os investimentos voltarem e os empregos assegurarem melhorias na vida dos nossos jovens e suas famílias”, alerta Wilder.

Wilder que é autor de vários projetos idealizados para melhorar os indicadores sobre segurança, diz que também é preciso repensar muitas situações, que envolvem a penalização efetiva de pessoas que cometem crimes graves e mesmo assim seguem em liberdade ou que ficam pouco tempo atrás das grades.

O SENADOR WILDER NA MÍDIA



Importação de leite é tema que preocupa o Senador Wilder

WANDELL SEIXAS

A importação de leite está preocupando o senador goiano Wilder Moraes, presidente do PP no Estado, que tem acompanhado o problema no Senado Federal, em Brasília. A situação reinante afeta 850 mil famílias no Brasil, das quais 70 mil apenas em Goiás. A Comissão de Agricultura e Reforma Agrária do Senado discutiu o problema na Capital Federal. A presidente da CRA, senadora Ana Amélia (PP-RS), vem debatendo a situação, preocupante dos produtores de leite em todo o País.

Na opinião de Wilder Moraes, a reunião da Comissão foi “das mais oportunas”, porque levou representantes dos ministérios da Agricultura e das Relações Exteriores a buscarem alternativas que ajudem a corrigir possíveis distorções na relação de compra do leite uruguaio. Nas próximas semanas, o governo federal deve checar os números de importação de lácteos daquele país na busca de um acordo que prime pelo bom senso, uma vez que, segundo os produtores, as exportações anteriormente direcionadas à Venezuela vêm sendo escoadas ao mercado brasileiro. O par-

lamentar goiano entende a complexidade do problema que afeta os produtores de leite do País, mas “tem as nuances de ordem internacional”.

CARÊNCIA DE COTAS

“A indústria é favorável ao Mercosul, mas nós precisamos de cotas para não sermos surpreendidos com altos índices de leite no mercado nacional que derrubam o preço e inviabilizam a atividade. Precisamos de uma ação do governo nem que seja com a compra de parte da produção ou incentivos fiscais”, sugeriu o presidente do Sindilat e

do Conleite, Alexandre Guerra. A sugestão do Sindilat é, de imediato, adotar monitoramento do mercado de forma a equilibrar a importação de leite, fixar cotas para o Uruguai e trabalhar na desoneração de máquinas e equipamentos para uso dos produtores e da indústria.

Ao lado do setor, a senadora e presidente da Comissão, Ana Amélia Lemos, reforçou o coro como forma de proteger milhares de pequenos produtores que vivem do leite no Brasil. “O problema é mais complexo do que imaginávamos porque envolve regras internacionais, cus-

to de produção e questões sociais”. Entre as hipóteses em análise está a criação de cotas para o leite do Prata, o que não é bem visto pelo Ministério das Relações Exteriores, que teme retaliações.

“Temos que pensar que talvez eles também queiram fechar outros mercados para o Brasil”, alertou o diretor do Departamento do Mercosul, Otávio Brandelli. Contudo, é preciso avaliar que há produtos na pauta de exportação brasileira que não têm livre acesso ao mercado Uruguaio como se gostaria, como a carne de franco, por exemplo.